

A Violinista de  
**AUSCHWITZ**



ELLIE MIDWOOD

A Violinista de  
AUSCHWITZ

Tradução  
Patricia N. Rasmussen



Principis

Copyright © Ellie Midwood, 2020

© 2021 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Título original  
*The Violinist of Auschwitz*

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Texto  
Ellie Midwood

Diagramação  
Linea Editora

Tradução  
Patricia N. Rasmussen

Design de capa  
Ciranda Cultural

Preparação  
Walter Sagardoy

Imagens  
Apostrophe/Shutterstock.com;  
Flower design sketch gallery/Shutterstock.com;  
Apostrophe/Shutterstock.com;  
Yurchenko Yulia/Shutterstock.com;  
Pavlo S/Shutterstock.com

Revisão  
Fernanda R. Braga Simon

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

M629v Midwood, Ellie

A violinista de Auschwitz / Ellie Midwood ; traduzido por Patricia N. Rasmussen. – Jandira, SP : Principis, 2021.  
352 p. ; 15,5cm x 22,6cm.

Tradução de: The violinist of Auschwitz  
ISBN: 978-65-5552-514-4

1. Literatura americana. 2. Romance. 3. Romance histórico.  
I. Rasmussen, Patricia N. II. Título.

2021-1761

CDD 813.5  
CDU 821.111(73)-31

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura americana : Romance 813.5
2. Literatura americana : Romance 821.111(73)-31

1ª edição em 2021

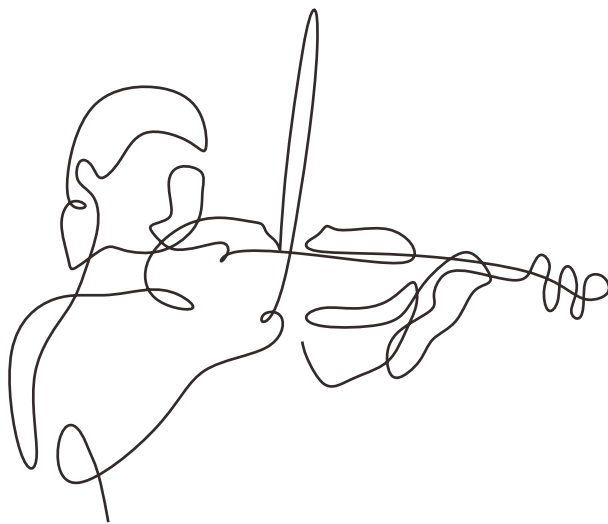
[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

*Para minha mãe e minha avó, duas das mulheres mais fortes que conheço. Vocês me ensinaram a ser uma guerreira e a escrever sobre personagens guerreiras. Obrigada.*





## *Prólogo*

*Auschwitz-Birkenau, 4 de abril de 1944*

*Não haveria chamada ao palco naquela noite. Não para ela, pelo menos. Com o olhar fixo na rachadura da parede oposta, os dedos de Alma brincavam com um pequeno frasco de vidro cheio de um líquido claro. Levava um mês para consegui-lo com um dos internos do destacamento Kanada. Durante semanas, ele havia protelado, feito caretas, inventado todo tipo de desculpa – *ele gostaria muito de ajudar, mas o que ela estava pedindo era muito difícil, somente os médicos alemães é que tinham, e ele nem sabia quem abordar e tentar subornar; não tinha intimidade com nenhum deles, como ela bem podia imaginar* – na esperança de fazê-la desistir. Alma escutava, assentia com a cabeça e respondia obstinadamente que *tudo bem, que não tinha problema, que esperaria o tempo que fosse necessário*, até que por fim o vencera pelo cansaço e ele finalmente cedera.*

– Aqui está sua mercadoria. Da melhor qualidade, pelo que eu soube. Funciona melhor por injeção, mas pode tomar via oral, se preferir. Só demora um pouco mais para fazer efeito.

– Obrigada. Você terá o meu violino como pagamento depois que...

– Não quero nada. – Ele balançou a cabeça resolutamente e olhou para o chão, achatado pelos pés de milhares de internos, a maioria agora mortos e esquecidos. – Está misturado com alguma coisa, por isso quase não causará dor quando... – Ele não terminou a frase, apenas olhou para ela com expressão dramática, com os olhos azuis suplicantes, as mãos enfiadas nos bolsos.

Com um breve sorriso, Alma estendeu a mão e apertou de leve o pulso dele, em um gesto de gratidão pela ajuda.

*Dor.* Se ele fizesse ideia da intensidade da dor que ela vivia nas últimas semanas, não a teria atormentado com aquela espera desnecessária. Aquilo não lhe infligiria dor... ao contrário, acabaria com ela.

Uma batida urgente à porta tirou Alma do devaneio. Enfiou rapidamente o frasco dentro do bolso do vestido preto, esfregou as mãos e endireitou os ombros.

– Sim?

Zippy, uma bandolinista, amiga e confidente de Alma a quem ela passara a amar como uma irmã, enfiou a cabeça para dentro.

– *Lagerführerin* Mandl está aqui! Estamos prontas para começar.

Assentindo com a cabeça, Alma pegou a caixa do violino, uma batuta de maestro e uma partitura que estava sobre a mesa. Ao sair, olhou para o espelho pela última vez.

A orquestra feminina era conceituada entre as detentas privilegiadas, a elite do campo, como eram conhecidas. Usavam roupas civis, e seus cabelos não eram cortados. As afortunadas, que não eram obrigadas a quebrar as costas nas pedreiras ou ter pavor das temidas seleções. As mascotes dos nazistas, bem alimentadas e poupadas dos abusos que as outras tinham de suportar diariamente.

– Um arranjo e tanto! Reclamar de quê? – eram as exatas palavras que Zippy usava.

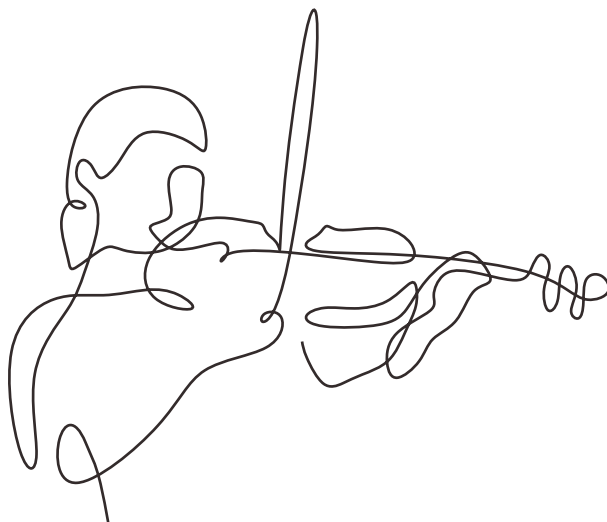
Mas havia pouca dignidade em uma existência tão humilhante, em que toda a razão de viver era tirada de uma pessoa. Não apenas tirada, mas

## A VIOLINISTA DE AUSCHWITZ

arrebatada, no meio da noite, da maneira mais cruel. Sufocada, queimada, afundada em um lago, em uma pilha de cinzas, até que nada mais restasse além da lembrança.

A lembrança e a dor, uma dor maçante, sem fim, que lentamente envenenava o sangue.

Ciente do frasco aninhado em seu bolso, Alma alisou os cachos pretos com uma das mãos e ajeitou a gola de renda branca. Naquela noite, faria sua última apresentação. Não custava estar com boa aparência.



## *Capítulo 1*

*Auschwitz, julho de 1943*

Na tarde nebulosa, o Bloco 10 permanecia quente e silencioso. De tempos em tempos, uma enfermeira interna fazia uma ronda sem pressa, procurando cadáveres frescos. A cada dois dias, havia alguns. Não que Alma os contasse – ela tinha sua própria febre com que se preocupar –, mas, em meio ao sono interrompido, ouvia as enfermeiras tirá-los das camas, de vez em quando.

Alguns já estavam doentes quando foram amontoados junto com Alma dentro do trem em Drancy, o campo de trânsito francês. Alguns adoeceram durante a viagem, o que não era de admirar, pois foram acomodados feito sardinhas em lata, sessenta pessoas em cada vagão. Alguns morreram em experimentos malsucedidos já ali, em Auschwitz.

Lentamente, Alma percorreu o olhar pelo recinto. Era grande, com os beliches enfileirados tão próximos uns dos outros que as enfermeiras tinham dificuldade para passar entre eles. Mas o pior de tudo era o cheiro, atroz e opressor, de suor rançoso, hálito fétido, carne gangrenada e roupas sujas, que dava vontade de vomitar.

## A VIOLINISTA DE AUSCHWITZ

Ao contrário dos demais, o grupo de Alma não havia ficado de quarentena ao chegar. Tampouco foram direto para a câmara de gás. Em vez disso, tiveram a sorte duvidosa de ficar ali, no Bloco Experimental, uma construção de tijolos de dois andares com as janelas fechadas para guardar seus segredos sinistros de estranhos curiosos.

Às vezes, as enfermeiras ficavam com pena e abriam as janelas por alguns minutos preciosos, para ventilar as instalações, embora, na maior parte das vezes, isso fizesse mais mal do que bem. Atraídos pelo cheiro, enxames de moscas e mosquitos invadiam o recinto e atacavam com voracidade os corpos emaciados, espalhando mais doenças e torturando as mulheres, que já gemiam de dor e desconforto, com seus incessantes zumbidos e picadas. Mais feridas infeccionadas, mais corpos levados pelas atendedoras de cabeça raspada, uma delas sempre anotando o número das mortas para apresentá-los depois ao seu superior, o membro da SS doutor Clauberg. A infame ordem alemã, aplicada pelos judeus internos. Alma rapidamente percebeu a ironia daquela triste situação.

Em seu primeiro dia no alojamento, ela havia, ingenuamente, tentado pedir uma medicação para a febre, mas riram dela. Reunindo o máximo de dignidade possível naquelas circunstâncias, algo bastante difícil quando a pessoa acabou de ser tosquiada como uma ovelha e de receber um número em vez do nome, ela perguntou sobre os aparelhos de raio X que tinha visto nas salas do andar térreo, mas essa pergunta também foi ignorada pelas enfermeiras internas.

– Não é da sua conta – foi o máximo que conseguiu obter da encarregada Hellinger, uma mulher loira de fisionomia amarrada e uma faixa no braço esquerdo que a identificava como superior do bloco. Aparentemente, mesmo sendo prisioneiras também, as enfermeiras não estavam muito dispostas a fazer amizade com as recém-chegadas.

– Eu sei que isto não é o Hotel Ritz, mas a hospitalidade deixa muito a desejar – observou Alma com frieza.

Pega desprevenida, a enfermeira levantou os olhos da prancheta e piscou algumas vezes. O bloco inteiro ficou em silêncio no mesmo instante.

Todos os olhares estavam fixos nela. Ocorreu a Alma que responder devia ser uma ocorrência rara por ali.

– Transporte francês? – Hellinger mediu Alma de alto a baixo, com frieza. Ela falava um alemão correto, porém com forte sotaque húngaro. – Eu deveria ter imaginado. As mais presunçosas sempre vêm de lá.

– Sou austríaca. – Alma sorriu.

– Melhor ainda. Ambições do Antigo Império. A SS vai ajustar a sua atitude logo, logo, Vossa Alteza.

– Você gostaria disso, não gostaria?

Para surpresa de Alma, Hellinger deu de ombros.

– Não faz diferença para mim. Fui nomeada superior do bloco para cuidar da ordem, não para me amofinar com vocês. Metade de vocês vai morrer até o final da semana que vem, e a outra metade irá para a chaminé ao longo dos próximos três meses, isso se tiverem a sorte de durar esse tempo depois do procedimento.

*O procedimento.*

Alma estava ciente da existência de uma enfermaria ao lado da delas, de pós-operatório, mas o acesso ali era restrito.

– Aliste-me como voluntária, então – disse, por pura raiva. Como um animal acuado, ela cerrou os dentes em uma última e inútil tentativa de se iludir, não tanto para atingir o inimigo, mas para convencer a si mesma de que não estava com medo. – Também para mim não faz diferença. Quanto antes isto acabar, melhor.

Alma esperava causar agitação. Sabia que as internas reagiam à menor das provocações, mas a superior do bloco permaneceu em silêncio. Hellinger ficou pensativa por alguns momentos, depois fez um sinal para que Alma a seguisse. Olhando para as costas da mulher com ar desconfiado, ela saiu atrás da enfermeira para o corredor mal iluminado e a viu abrir a porta da enfermaria ao lado. Ela ficou ali, segurando a porta aberta, e fez um gesto zombeteiro com a mão, como se dissesse “Por favor, Alteza, entre”.

O ar naquela enfermaria estava ainda mais empestado. Hellinger parou junto ao primeiro catre, onde estava uma mulher com o rosto tão branco e

tão coberto de suor que parecia uma máscara póstuma de cera derretendo. Sem cerimônia alguma, Hellinger levantou a camisola da mulher. Alma sentiu o estômago revirar, mas recorreu a todas as suas forças para não demonstrar o que sentia. Uma crosta escura recobria a pele avermelhada – carne crua, na verdade – cheia de bolhas no abdômen da mulher. Logo acima do osso púbico, um longo corte grosseiramente suturado apresentava protuberâncias de aspecto estranho e emanava um odor nauseante.

– Esterilização sem sangue – explicou Hellinger, em um tom de voz inexpressivo, como se fosse uma professora dando uma aula de medicina. – Uma dose extrema de radiação aplicada nos ovários, seguida da remoção cirúrgica para ver se *o procedimento* foi bem-sucedido. Os raios X são tão poderosos que causam queimaduras extremas. A maior parte da cirurgia é realizada sem anestesia. Como pode ver, neste caso infeccionou bastante. Não que o doutor Clauberg esteja preocupado. Estão tentando calcular a dose ideal para não causar essas queimaduras, mas até agora isto é tudo a que se chegou.

Ela cobriu o abdômen da mulher e lançou um olhar penetrante para Alma. Por um longo tempo, Alma ficou imóvel.

– Existe algum sistema para isso? – perguntou por fim, reencontrando a voz. – Isto é, existe um método de seleção das internas?

– Estas são alemãs. – Hellinger sorriu pela primeira vez, embora, para Alma, o sorriso parecesse mais uma careta. Tudo é feito na mais perfeita ordem numérica. Até o momento, foi realizado dos números 50.204 a 50.252.

Alma olhou para o braço esquerdo, onde seu número, 50.381, estava tatuado em tinta azul-clara. Hellinger olhou também, e seu semblante se suavizou um pouco.

Alma ergueu os olhos abruptamente. A determinação estava de volta aos seus olhos negros.

– Será que posso lhe pedir um favor?

Hellinger deu de ombros.

– É possível conseguir um violino aqui?

– Um violino?

Aparentemente, pedir um instrumento musical em Auschwitz era algo tão incomum quanto responder para um superior.

– Você é violinista, ou algo do tipo?

– Algo do tipo. Faz oito meses que não toco. Sei que não tenho muito tempo, mas gostaria de tocar uma última vez, se é que isso é possível. Se algo como o último desejo de uma pessoa condenada ainda é respeitado neste lugar.

Hellinger prometeu que iria ver o que podia fazer. Lançou um olhar furtivo para a mão pálida de Alma, como se considerasse tomá-la entre as suas por um instante, mas mudou de ideia no último momento e saiu abruptamente da enfermaria. Dar esperança a uma condenada era simplesmente cruel.

Alma ficou de pé ao lado daquele espectro imóvel de mulher e sentiu inveja das que iam para a câmara de gás assim que chegavam.

Os mesmos dias intermináveis. A mesma rotina do bloco, uma água amarronzada para o desjejum, que os alemães chamavam de café. O doutor Clauberg fazendo suas rondas – “Abra a boca, mostre os dentes”. Uma mulher francesa rezando em latim a um canto, balançando para a frente e para trás, com os dedos entrelaçados tão apertados que os nódulos ficavam brancos.

Mais água amarronzada para o almoço, que os alemães chamavam de sopa. As afortunadas encontravam um pedaço de nabo podre na delas. Sylvia Friedmann, uma enfermeira-detenta judia e primeira assistente do doutor Clauberg, lendo os números em sua lista. A mulher no canto balançando mais rápido, debatendo-se e uivando enquanto as duas ordenanças a arrastavam para fora da enfermaria e pelo corredor. Silêncio opressivo, sufocante.

Hellinger recolhendo as roupas de cama e as camisolas para desinfecção. Mulheres nuas, com a cabeça raspada, enfileiradas para inspeção – o

doutor Clauberg outra vez, agora apertando-lhes os seios. Alguém devia ter informado sobre uma mulher grávida. O doutor Clauberg, com um esgar de abutre no rosto, esfregou os dedos na frente do rosto da mulher.

– Leite!

Ela saiu obediente, sem ordenanças.

Hora do jantar. Um pedaço de pão velho com uma gota de margarina no meio, que as mulheres lambiam com apatia. Uma garota belga no catre ao lado, a cabeça coberta pela manta, chamando baixinho pela mãe, abafando o choro com a coberta de lã como se não quisesse perturbar ninguém com seu sofrimento.

Noite. Lágrimas, em todos os leitos ao redor, preces sussurradas, nomes de entes queridos repetidos por horas a fio, lamentos em hebraico que ela não aguentava mais ouvir.

Por fim, o silêncio. O luar prateado infiltrando-se pela janela e tocando os braços de Alma. Um violino invisível em seu ombro. Seus dedos deslizando pelas cordas como asas de uma borboleta. O arco na mão direita, beijando as cordas do violino. Do lado de fora, as *Sankas*, camufladas como furgões da Cruz Vermelha, levando embora os corpos do Bloco 11 ao lado. Alma as tinha visto através das frestas das venezianas indo na direção do crematório. Dentro de sua cabeça, os *Contos dos Bosques de Viena*, de Strauss.

Música.

Paz.

Serenidade.

Um mundo no qual um lugar como Auschwitz não tinha o direito moral de existir.

– Alma? Alma Rosé?

A jovem enfermeira com um rosto bonito e viçoso, que Hellinger levava para a enfermaria, falava alemão com um forte sotaque holandês. Uma onda calorosa de lembranças, de uma época mais feliz na Holanda, onde várias famílias a abrigaram dos nazistas, a avassalou. Na Europa devastada

pela guerra, as estações mudavam, mas não a lealdade de seus anfitriões. Arriscando a própria vida, eles tinham escondido Alma da Gestapo sem pedir nada em troca além de um pouco de música maravilhosa, o que deixou Alma muito feliz. Devia a vida e a liberdade àquelas pessoas altruístas e corajosas, e retribuir sua hospitalidade com a música que podia tocar era o mínimo que podia fazer. Eles a haviam mudado de uma casa para outra quando os rumores de incursões da Gestapo atingiam proporções preocupantes, mas, em qualquer lugar onde ela se escondesse, sentia-se invariavelmente bem-vinda e acolhida.

Naturalmente, Alma reconheceu o rosto da jovem à sua frente. Nunca se esqueceria dos sorrisos amáveis daqueles que a haviam mantido em segurança por tanto tempo. Para a moça, entretanto, demorou um pouco mais para que a reconhecesse. Fazia dias... ou semanas?... que Alma não via o próprio reflexo no espelho, mas podia imaginar como devia ser triste a sua figura. Não era mais uma violinista celebrada, com um elegante vestido decotado nas costas, isso era óbvio.

– Magda, sabe quem é esta? É Alma Rosé em pessoa! – a jovem enfermeira exclamou, extasiada, para a *Blockälteste* Hellinger. – Ela é violinista, muito famosa na Áustria!

Interpretando erroneamente o silêncio de Alma, a enfermeira apressou-se a explicar:

– Meu nome é Ima van Esso. Você tocou em nossa casa em Amsterdã! Em 1942, uma sonata de Telemann! Lembra-se?

Claro que ela se lembrava. Uma casa calorosa, com uma conduta contrária a todos os regulamentos alemães, uma reunião ilegal de amantes da música. Cadeiras descombinadas, porém elegantes, dispostas em semicírculo, mulheres e homens vestidos com trajes de gala, todos os olhares fixos nela, a mulher que eles adoravam a ponto de arriscar-se à ira da Gestapo apenas para ouvi-la tocar mais uma vez.

– Você me acompanhou com a flauta. – De alguma forma, Alma conseguiu dizer as palavras. As lembranças eram dolorosas. Era estranho

## A VIOLINISTA DE AUSCHWITZ

segurar novamente a mão de Ima. Era um reencontro sem alegria, por todos os motivos errados. Na última vez em que se viram, Alma ainda era uma mulher livre.

Ima a presenteou com um sorriso radiante.

– Sim! Que bom que você se lembra! Eu era apenas uma amadora... não estava à sua altura.

Alma sentiu o lábio inferior começar a tremer e mordiscou-o com força.

– Que nada... bobagem. Você tocou maravilhosamente.

Alma sentiu orgulho de si mesma por falar com voz tão calma. A dor autoinfligida exercia seu efeito, como sempre.

Magda Hellinger assobiou baixinho por entre os dentes.

– Uma celebridade, então? Por que não disse, quando pediu o maldito violino?

– A pessoa precisa ser celebridade para tocar violino aqui? – retrucou Alma, em um tom mais ríspido do que pretendia.

– Não necessariamente, mas ajuda para se conseguir o instrumento – explicou Hellinger. – Não é fácil organizar as coisas em Auschwitz. Vai ser trabalhoso conseguir um violino para você. A única pessoa que conhece alguma coisa sobre música aqui é esta pequena *Fräulein*. Não use isso contra mim, mas preciso verificar com ela primeiro.

Ima segurou o braço de Magda pela manga enquanto a fitava com expressão suplicante.

– Ah, Magda, querida, por favor, consiga um para ela! Você vai ficar encantada quando a ouvir tocar... Ela é esplêndida, acredite em mim. Você vai se sentir na Filarmônica de Viena!

– Que Filarmônica de Viena, o quê... – Magda resmungou baixinho, olhando na direção da porta. – Mesmo que eu consiga um com Zippy, como é que ela vai tocar aqui em segredo? Ou você sugere um concerto aberto, embaixo do nariz do doutor Clauberg?

– O doutor Clauberg e a líder do bloco saem às seis. – Ima se recusava a se render. – Só voltam amanhã de manhã. Todo o complexo ficará deserto.

Colocaremos duas meninas para vigiar a entrada para que nos alertem se alguém se aproximar do bloco.

– E o Bloco 11? Acha que não vão ouvi-la tocar?

Depois de uma pausa, Ima deu de ombros, e um sorriso doce e triste surgiu em seu rosto.

– São todos homens condenados. Acredita mesmo que irão denunciar para a SS a última coisa linda que vão ouvir antes de ir para o paredão?

Para grande surpresa de Alma, no dia seguinte Magda a presenteou com um violino. Com uma expressão das mais astutas, a superior do bloco tirou o instrumento de dentro de uma fronha e o estendeu para a perplexa Alma, com visível orgulho.

– Zippy mandou lembranças.

Alma segurou o braço do violino com uma avidez que as outras internas só demonstravam à visão de pão.

– Quem é Zippy? – perguntou Alma, mais por educação do que por interesse.

Toda a sua atenção estava voltada para o instrumento, ao qual ainda estavam presos fiapos de palha de seu esconderijo. Lentamente e com reverência, ela passou os dedos pelos contornos do violino. Fazia oito meses, longos e excruciantes oito meses, que ela havia segurado seu Guadagnini, fiel companheiro que tivera de deixar sob a guarda segura de seu namorado em Utrecht.

Alma sentiu um nó na garganta ao lembrar-se das mãos quentes de Leonard em seu rosto molhado pelas lágrimas e de suas palavras tranquilizadoras de que *certamente ela estaria de volta antes do que imaginava e que seu violino estaria bem ali, com ele, esperando por sua volta, assim como ele também estaria...*

Com um súbito e arrepiante cinismo, Alma imaginou de quem seria a cama que seu Leonard estaria aquecendo naquele momento, assim como Heini antes dele. Ao longo dos últimos anos, ela se acostumara com as traições dos homens. Somente os violinos permaneciam fiéis. Seu Guadagnini

estava com ela quando seu primeiro marido, Váša, pedira o divórcio; continuava com ela quando seu namorado Heini fora embora, deixando-a sozinha na Londres pré-guerra. A ideia de Alma ser o ganha-pão da família não o agradava, assim como o desconforto de ter de começar do zero com uma mulher a quem ele havia jurado amar mais do que a vida poucas semanas antes de deixarem sua terra natal, a Áustria, com o pai de Alma a reboque.

“Pobre Heinrich”, pensou Alma, com um sorriso pretensioso, “não teve coragem nem de fitá-la nos olhos antes de bater em retirada.” Ela fugiu da Áustria para salvar a vida; ele voltou para Viena para salvar a dele, uma vida confortável desprovida de agruras desnecessárias.

– Quem é Zippy? – Magda repetiu baixinho, com expressão conspiradora. – Isso é para eu saber, e não para você descobrir. Agora guarde isso e nem pense em encostar a mão nele até que eu lhe diga, pessoalmente, que é seguro. Entendeu?

– Sim.

– Você deveria responder “*Jawohl, Blockälteste*”<sup>1</sup>.

Quando Alma ergueu os olhos abruptamente para ela, Magda suavizou a ordem com um sorriso inesperado.

– Não precisa me dar essa resposta militar idiota quando só há mulheres aqui. Mas deve responder assim quando os guardas da SS, o doutor Clauberg ou o doutor Wirths estiverem presentes. E deve responder do mesmo modo para eles também, ou levará uma chicotada nas costas. Bem, não do doutor Wirths; ele é em essência um homem razoável e não tem natureza violenta. Na verdade, é graças a ele que temos roupas de cama, camisolas, toalhas e até sabonete em nosso bloco. Mas os outros estão longe de ser tão caridosos. São exigentes na disciplina os SS.

Como se não tivesse escutado, Alma continuou a contemplar o violino com um sorriso fascinado.

---

<sup>1</sup> Sim, superior. (N.T.)

Magda Hellinger já tinha se virado para sair quando ouviu um inesperado “Obrigada, *Blockälteste*”. Deu-se conta de que, contra a própria vontade, estava sorrindo com uma ponta de sarcasmo.

– Por nada, Vossa Alteza.

Naquela noite, o sol poente tingiu as nuvens de rosa-claro. O silêncio reinava no acampamento, depois que os grupos de detentos marcharam para dentro de seus blocos. Dentro de suas jaulas, os cães de guarda dormiam, trancados para a noite. Somente o Bloco 10 vibrava de entusiasmo. As mulheres que não estavam acamadas mudaram seus leitos de lugar para abrir espaço para um palco improvisado na parte da frente do quarto. Empunhando o violino, Alma mudava o peso de um pé para o outro, impaciente, os nervos à flor da pele, como se ela fosse tocar para a alta sociedade de Viena, e não para aquele pobre e sofrido rebanho.

Por fim, tudo ficou pronto. Um silêncio perfeito desceu sobre o Bloco Experimental. Posicionando-se diante de sua plateia, Alma levou o arco às cordas e fechou os olhos. A primeira nota, longa e hesitante, soou como se sondasse a noite que caía. Interrompeu-se por uns segundos e então ganhou força de repente, desdobrando-se em um crescendo e, de um momento para o outro, o próprio nome – Auschwitz – pareceu deixar de existir para suas vítimas. Elas não estavam mais ali; com os olhos fechados e um sorriso sonhador nos rostos exaustos, as mulheres se moviam levemente no ritmo da música, cada qual imersa em seu próprio mundo, onde a beleza mais uma vez tinha significado, onde casais apaixonados rodopiavam ao som de uma valsa vienense, onde seus entes queridos ainda viviam, apesar de tudo, pois a música é eterna e também são eternas as lembranças. Em um canto, Ima chorava em silêncio, cobrindo a boca com sua touca de enfermeira. Encostada à parede, Magda esfregava o peito como se doesse fisicamente ser lembrada de que existia alguma coisa além daquele mundo cruel, onde sua espécie estava sendo abatida às centenas de milhares. E, no entanto, ela sorria, pois, junto com a dor, a esperança renascia – a esperança de que

## A VIOLINISTA DE AUSCHWITZ

talvez nem tudo estivesse perdido, se ainda era possível que tamanha beleza conseguisse se insinuar através dos muros de Auschwitz.

Com os dedos movendo-se ao som dos acordes, Alma abriu os olhos e sorriu com ar maroto para a plateia atônita.

– O que estão esperando? – sua voz rompeu o silêncio reverente. – Estou tocando para nada? Não é apenas indelicado, é praticamente amoral ficarem sentadas e paradas quando a valsa está sendo tocada. E então, meninas? Dancem! Recuso-me a acreditar que fizeram vocês esquecerem como se dança.

Por alguns momentos, as moças trocaram olhares perplexos. A simples ideia parecia um acinte, mas então a própria Magda deu um passo resolutivo na direção de um dos catres, fez uma mesura floreada e estendeu a mão para uma das mulheres, em um estilo que deixaria qualquer cavalheiro do Antigo Império orgulhoso.

– Madame Mila, me daria a honra?

Sem hesitar, a jovem a quem Magda chamara de Mila deu a mão à *Blockälteste* húngara. Rindo num misto de incredulidade e encantamento, as duas começaram a girar no pequeno espaço junto ao palco improvisado, descalças e emaranhando as camisolas longas. Logo outra dupla juntou-se a elas, e mais outra, enquanto Alma assistia à cena, com os olhos turvos e sentindo-se em paz pela primeira vez em meses. Com o poder de sua música, ela libertara aquelas mulheres por alguns momentos preciosos. Agora, podia morrer feliz.